
POR UMA HISTÓRIA SOCIAL DAS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS NO SUL DO BRASIL:

Entrevista com Ana Zandwais

Gostaria que a senhora falasse um pouco sobre a sua trajetória escolar e acadêmica: seus estudos primários foram feitos aqui mesmo no Rio Grande do Sul? Em qual instituição?

Bom, eu posso começar dizendo que a minha formação se deu sempre em escolas públicas. Eu venho de uma família que nunca foi economicamente muito dotada, mas que sempre teve uma certa preocupação com questões de educação. Então, eu começo meus estudos no Instituto de Educação General Flores da Cunha e, depois, faço o segundo grau no Júlio de Castilhos. E o Júlio de Castilhos, no momento em que eu estudo, é considerado uma escola padrão. Eu acho que fui muito privilegiada, porque era uma escola em que os professores tinham que fazer concurso para lecionar. Tive uma formação no Júlio de Castilhos que me ajudou muito a amadurecer, porque ao mesmo tempo em que era uma escola que dava liberdade para os alunos, tu tinhas liberdade de ir e vir a qualquer momento, o nível de exigência era muito grande e as pessoas que só iam e vinham, que não estudavam, eram reprovadas. Eu tinha isso muito claro para mim, e aproveitava. Então, eu fiz o segundo grau e ‘peguei’ a transição do clássico para o científico, comecei fazendo formação clássica e terminei fazendo o científico, por ser obrigatório pela lei daquele momento. Era obrigado a unificar. Isso era 72, por aí, 1972. Depois, eu fui fazer o terceiro grau. Nessa época, eu comecei a trabalhar e fui cursar Letras na Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras. Eu fiz Letras - Português e Inglês. Os meus estudos, na faculdade, foram interessantes, mas sempre tinha algumas coisas que eu procurava refletir fora da faculdade. Eu tinha colegas que gostavam de ler, de estudar, e acho que isso me ajudou muito. Eu tive bons professores, tive sorte, porque foi a época de fundação da faculdade e os professores que estavam lá eram os mesmos que estavam aqui na UFRGS. Fui aluna do Celso Luft, da Lia Luft, fui aluna de excelentes professores, do Moacir Acuí, que foi também meu professor e tinha uma formação no exterior de inglês. Isso me propiciou uma condição

de pensar exatamente o que eu queria com as Letras, eu sempre quis muito, quis tudo das Letras.

A senhora frequentou algum colégio de línguas?

Eu tive sempre uma coisa muito importante em minha vida: sempre gostei muito de línguas. O meu pai era poliglota. Ele passava de uma língua para outra dentro de casa de acordo com o clima. Então, eu sempre tive uma postura muito autodidata para aprender línguas. Comecei aprendendo inglês, eu tinha um clube de leitura no Instituto de Educação, que eu assistia fora das aulas. Quando terminei o Ginásio, eu fazia conversação em inglês, tinha conversação muito proficiente em inglês. Eu lembro que, na faculdade, o professor não fazia muita questão que eu fosse para a aula (com exceção da professora de Literatura, que gostava que eu participasse), porque eu tinha uma proficiência muito melhor que as outras pessoas. Isso me dava também uma certa liberdade de ir e vir. O francês eu também aprendi no Júlio de Castilhos, porque, mesmo tendo o científico, a gente estudava duas línguas. E comecei a aprender francês no Júlio de Castilhos, depois comecei a me dedicar para língua inglesa. Eu me licenciiei em literaturas de língua portuguesa e língua Inglesa, mas nunca abandonei, de alguma forma, o francês. E, depois, comecei a estudar de forma autodidata o espanhol, que eu sempre gostei muito, achei uma língua bonita. A minha relação com as línguas sempre foi uma relação de amor, até hoje tenho essa relação forte com as línguas e, é tão verdade isso, que uma das coisas que eu gosto mais de fazer é poder traduzir os textos dos quais eu gosto.

Falando justamente de textos, na época da graduação da senhora, textos de teóricos como Ducrot, Bakhtin, Pêcheux, já se faziam presentes?

Não. Eu tive uma formação basicamente formalista em Lingüística. O Luft era um estudioso de gerativa-transformacional. Eu estudei na graduação numa época em que as pessoas, no máximo, tinham condições de aprender uma boa gramática gerativa e uma boa sintaxe. Eu só fui aprender questões de Lingüística do Texto, de Semântica, passando por um percurso bem irregular. Porque, antes de entrar no Mestrado em Lingüística, eu ainda fiz uma formação na área de Literatura, para ver se o que eu queria era Lingüística ou Literatura. Então, só quando eu entrei no mestrado é que eu comecei a conhecer a Lingüística do Texto e os Estudos

Semânticos, e isso me despertou muito e foi interessante. É como se eu estivesse me sentindo traída, como se aquilo que eu tivesse aprendido antes não tivesse um significado tão importante para minha vida como aquilo que eu estava aprendendo naquele momento: as questões de Semântica, que me interessavam, e as questões de Linguística do Texto. Mas, quando eu entrei na PUC, infelizmente, não tinha muita gente também para pensar sobre estas questões. Então, eu sou obrigada a estudar Semântica Formal antes de passar para os Estudos Semânticos do Texto, porque era o que eles me ofereceram. E eu faço uma formação um pouco longa: faço uma formação em Semântica formal, depois uma formação em Linguística do Texto, depois uma formação em Semântica para chegar aos estudos de Análise do Discurso; e, quando eu começo a chegar aos estudos de Semântica e de Análise do discurso, começo a criar uma autonomia: percebi que se quisesse aprender mesmo, eu tinha que fazer por mim. Como? Começo a pegar um ônibus e ir para a UNICAMP, conversar com as pessoas e assistir às aulas na UNICAMP. E sei exatamente aquilo que eu queria fazer quando estava fazendo mestrado – era uma questão que não interessava para os outros, com exceção de um ou outro que prestasse atenção no que eu estava fazendo aqui: eu queria trabalhar com a classe operária. Para poder fazer este trabalho, para poder conciliar o que eu queria nos meus estudos de mestrado com aquilo que eu estava aprendendo, eu vou para o Arquivo Edgar Leuenroth. E começo, então, a dar sentido para a minha aprendizagem, no momento em que sento dentro do arquivo Edgar Leuenroth e começo a ler os textos dos anarquistas italianos, da classe operária, dos alemães, dos jornais que não circulam muito no Brasil, como **A Lanterna, O Proletário**, onde existe todo um conjunto de reflexões sobre a prática política do proletariado brasileiro. E, nesse sentido, eu acho que os meus estudos valeram, porque eu começo a ver um pouco de articulação entre a teoria, que está sendo estudada, e a prática, que eu tinha que dar um significado. Então, eu acho que essa história, para mim, tem muito valor, no sentido de que eu não esperei que me ensinassem: eu fui buscar também aquilo que significava para mim. Fui encontrar um arquivo que quase ninguém conhece, que é o Arquivo Edgar Leuenroth, um arquivo histórico. Edgar Leuenroth foi um dos maiores sindicalistas que este país teve, foi um dos fundadores e organizadores da COB, a Confederação Operária Brasileira, fundada pelo Movimento Anarquista (1906), e ele foi torturado e morto pelo DOPS. Era tipógrafo de profissão e um

organizador da articulação operária da Primeira República, porque, na Primeira República, o movimento operário se constrói na convergência entre socialistas e anarquistas, sem fazer essa diferença, para juntar povo, para criar as condições de emancipação do proletariado. É olhando para essa história da prática política e conversando também com algumas pessoas que tinham interesse em me ouvir, e que me ouviram, e juntando, articulando essas questões da prática política com o conhecimento, que eu fui capaz de dar sentido para aquilo que eu estudava.

A senhora falou que foi para a UNICAMP, eu teria uma questão sobre isso: quais foram os professores que nesse momento cooperaram com os estudos da senhora?

Todas as pessoas me abriam portas, porque era estranho que uma pessoa saísse aqui do RS, fosse lá, pedisse para assistir às aulas e para ler textos. Eu sabia exatamente onde era o xérox da Eni Orlandi, eu ia lá e xerocava toda a pasta dela. Eu sabia exatamente em que salas eu ia bater. Se eu quisesse discutir coisas sobre o movimento operário, eu bateria na sala do professor João Wanderley Geraldi, porque ele me responderia a essas questões, pela vida de militante que ele teve desde mocinho. Eu sabia que, se eu quisesse questionar coisas sobre conceitos da Análise do Discurso, a professora Silvana Serrani ia abrir a porta, como me abriu, e discutir comigo conceitos teóricos. Então, eu tenho as melhores referências possíveis de todos os professores da UNICAMP, com destaque de alguns, porque, em nenhum momento, quando eu cheguei lá cheia de dúvidas – e eles sabendo que eu estava buscando coisas – alguém me disse que não tinha tempo ou que não era válido o que eu estava fazendo. Pelo contrário, eu percebia que eles tinham uma admiração em ver que tinha uma pessoa individualmente buscando coisas. E até mesmo a coordenação do arquivo era interessante. Eu lembro que eu morava num quartinho escuro, às 10 da manhã tinha que acender a luz para estudar. Eu tomava o ônibus do centro (hoje em dia eu acho que não existe mais isso), ia até o bairro de Barão Geraldo, e de Barão Geraldo ele fazia uma baldeação para chegar à UNICAMP. Eu chegava com uma baldeação de dois ônibus na UNICAMP e sentava no Arquivo Edgar Leuenroth. A moça que trabalhava me conhecia, ela separava para mim uma mesa e, no final das horas que eu passava lá, ela perguntava quais eram os textos que eu queria microfilmar. Ela se dava o trabalho de microfilmar textos antigos para mim. Eu percebia, naquele gesto, a

compreensão que ela tinha da importância, para mim, daqueles textos que eu estava lendo. Então, eu acho que se eu tivesse que destacar, o mérito é para muitos, desde os que me emprestavam os xérox para ler, até os que abriam a porta e me deixavam microfilmarem os textos, até os professores que abriam a porta das salas e me perguntavam: “Mas, o que é mesmo que tu estás estudando? O que tu queres? No que eu posso te ajudar? Com que leituras eu posso te auxiliar?”. Isso para mim foi vital.

Então a aproximação com Análise do Discurso se deu nesse momento especificamente?

Foi. Ela se deu por várias formas. A aproximação com a Análise do Discurso, em primeiro lugar, não se deu pela curiosidade teórica pura, mas por toda uma história de vida, por toda uma história que eu já trago da minha própria vida, de ter uma relação muito forte de amor com as bases da filosofia marxista, ou seja, pela necessidade de refletir mais formalmente sobre os pressupostos da filosofia marxista, e também de encontrar pares com quem eu pudesse compartilhar essa relação de vitalidade que todos esses pressupostos, que toda essa filosofia significa para mim. Eu tenho que destacar, também, colegas. Eu encontrei colegas que também me possibilitaram pensar sobre isso, sobre essas questões. Uma colega que não está mais no Brasil, era professora de francês na Argentina, é a colega Alessandra Bentollila. Ela já vinha de uma prática política também e era uma companheira de estudos, me ajudava a refletir, muitas vezes, numa questão que sempre me intrigou, que é a relação de consistência que se pode estabelecer entre o campo teórico e o campo da prática política.

A senhora considera que houve alguma mudança de posição ou descontinuidade de seu trabalho de tese de doutorado em relação à problemática da dissertação?

Com certeza, porque os meus estudos de mestrado, embora eu já pensasse sobre questões políticas, foram mais centrados nos estudos semânticos. Eu não tinha tido uma abertura para pensar nas questões em que eu realmente queria pensar no mestrado e não encontrei, realmente, gente que tivesse um interesse em orientar trabalhos mais voltados para o campo imediato da prática política. Então, eu trabalhei com estudos semânticos, mas já vinha analisando textos que trabalhariam com interditos, com sentidos

não-literais, e isso me ajudou a estabelecer um lastro em relação àquilo que hoje se chamaria de fio do discurso, da base lingüística. Mas, foi no doutorado realmente que eu acho que encontrei uma oportunidade para estabelecer um vínculo direto entre a minha curiosidade em relação à filosofia, às bases da filosofia da práxis e o campo da prática política. E acho que também fui feliz, em certo sentido, por ter encontrado uma orientadora que, mesmo não estando diretamente relacionada com as questões que eu queria trabalhar – um aluno que encontra uma orientadora assim é feliz – nunca me cerceou ou disse para mim o seguinte: “Olha, por eu não ter uma prática com essas questões, eu não vou te orientar”. Ela confiou em mim, ela confiou que aquilo que ela não pudesse responder, eu estaria buscando as respostas. Eu acho que um orientador que faz isso tem um grande valor, ou seja, ao mesmo tempo em que ela estava pronta para formar aqueles alunos que precisariam dela para aprender, ela também tinha condições de formar aqueles alunos que tinham um perfil de autodidatismo, como eu. Considero que eu sempre fui uma pessoa com um certo, vamos dizer assim, caráter autodidata, é uma herança que já vem de casa.

A sua orientadora foi a professora...?

Leci Barbisan.

Justamente a pergunta que eu queria fazer é sobre a importância da professora Leci na sua formação...

Eu acho que ela foi muito importante, porque a PUC nunca investiu muito na área dos estudos de Análise do Discurso. Tanto é que a Leci começou com uma trajetória de Análise do Discurso, hoje ela não trabalha mais com Análise do Discurso, o trabalho dela é mais voltado para Lingüística do Texto. Mas eu acho que, de todos os méritos que eu teria que dar para ela, o maior deles – e que eu poderia dar para qualquer orientador – é que eu acho que um orientador não pode cercear um orientando porque considera que tem alguns limites em relação às questões que o orientando quer trabalhar. Ele tem que saber olhar para o orientando e perceber que, se o orientando tem condições de fazer o seu percurso, o mínimo que ele pode fazer é criar melhores condições ainda para que esse orientando possa fazer seu percurso. E possa, digamos assim, criar lugares: lugares de dizer, lugares discursivos no meio da sociedade acadêmica, que ainda não existem.

Então, a próxima pergunta seria mais voltada à questão de como a senhora entrou na UFRGS. Foi através de concurso, por meio de banca?

Eu lembro que foi um concurso e que esse concurso tinha doze candidatos. O concurso tinha doze candidatos e eu me lembro de gente que veio com malas de livros para fazer o concurso. Tinha uma candidata que veio da Espanha, com mala de livros. Eu tinha me inscrito aqui e tinha me inscrito também na Faculdade de Educação, porque tinha uma vaga para um analista de discurso na Faculdade de Educação. Mas, eu tinha uma colega que também tinha feito doutorado em Análise do Discurso e que tinha se inscrito na Faculdade de Educação. Como não achei que seria muito ético concorrer com uma colega, decidi que eu vinha para cá primeiro e, se eu passasse aqui, não iria concorrer com ela, que é a professora Regina Mutti. Foi interessante que as minhas expectativas se cumpriram: consegui me classificar, me classifiquei bem aqui, consegui tirar segundo lugar no concurso e não precisei concorrer com uma colega. Eu fiquei muito feliz que ela passou na Educação e eu fiquei aqui, e nós acabamos, então, fazendo um acordo de que, a partir daquele momento que nós duas tínhamos conseguido entrar em duas universidades públicas – que eu acho um privilégio, mesmo com o salário, poder trabalhar numa universidade pública, que é um lugar que ainda promove a pesquisa, valoriza o conhecimento –, que nós iríamos produzir juntas e que a gente podia socializar coisas, pesquisa, alunos. E assim foi durante todos estes anos, nós acabamos realmente trabalhando muito próximas uma da outra, eu sempre enviando alunos para fazer cadeiras na Educação e a professora Regina também trazendo alunos para os Cursos Livres, para todas as atividades daqui. E, até hoje essa dinâmica continua entre nós, eu acho isso muito bom.

Muitos trabalhos da senhora remetem ao período do Estado Novo de Getúlio Vargas. Quais são as questões que interessam para a senhora neste período específico da história?

Eu acho que, do Estado Novo, praticamente tudo me interessa, porque o Estado Novo, para mim, marca, no Brasil, um momento histórico em que as práticas políticas oligárquicas e autoritárias se legitimam institucionalmente, porque já existia, na República Velha, na Primeira República, a sectarização entre o modo de pensar a educação para as classes dominadas e para as classes dominantes.

Existia já uma forma de escravagismo. Eu penso que a Primeira República vem para substituir a mão-de-obra escrava negra pela mão-de-obra operária. Então, ela constrói todo um contexto de estratificação social, econômica e cultural, mas este contexto não é claro e sempre é opacificado. E o Estado Novo vai introduzir uma política ambígua. Na mesma medida em que o regime do Getúlio diz que vai favorecer as classes operárias, que vai fundar escolas para os operários, que vai dar um salário mínimo para os trabalhadores, que vai fundar o Ministério da Educação e o Ministério do Trabalho, existe todo um aproveitamento das práticas e das formas de exploração e de rebaixamento do proletariado no Estado Novo. Até hoje, em função do grande entusiasmo, do culto à personalidade do Getúlio, num regime nacionalista, essas práticas não foram ainda refletidas com a atenção que deveriam ter. Então, é neste sentido que trazer estas questões para serem objeto de uma reflexão consciente, remontar à história de um outro momento histórico, eu acho que ela nos permite ter um pouco mais de lucidez para pensar qual foi realmente a realidade da classe proletária, em que sentido a classe proletária conseguiu avançar cultural, política e economicamente no Estado Novo. Eu acho que esta reflexão não foi feita ainda, ela não se esgotou, tem muita coisa para ser pensada. Como em todos os regimes nacionalistas, existe uma ambigüidade e, às vezes, a proximidade do momento histórico não nos permite ver essas relações políticas ambíguas que se criam nesses regimes.

Bom, esse tema da História... Voltando a uma questão mais pessoal da senhora, a sua formação política, a história de sua família de algum modo se relaciona com seu trabalho ainda hoje?

Com certeza. Acho que não da minha família como um todo, mas fundamentalmente do meu pai. Eu sou filha de um bielorusso que emigrou para o Brasil e que desde a mocidade – ele era um camponês e também trabalhou como operário, foi operário de uma fábrica de massa na juventude –, mesmo não tendo tempo para estudar (o que ele gostava durante a semana), tinha um grupo de estudos durante os fins de semana, em que eles aprendiam a socializar o pensamento marxista. Então, eu me crio aprendendo, antes de ir para a escola, aquilo que a escola (depois eu descobri) ia tornar um conhecimento rarefeito.

Passando então a uma questão mais teórica: a senhora tem escrito sobre materialismo dialético, a teoria da prática em geral que delinea as condições formais dos estudos científicos do materialismo histórico, ou seja, que teoriza acerca do método deste. Por outro lado, entre os filósofos e lingüistas russos, em Bakhtin, por exemplo, o conceito de dialética é tomado como muito próximo do conceito de dialogismo formulado por este autor. Qual é pertinência para a teoria do discurso da AD desta teoria do materialismo dialético, para além da tão citada categoria da contradição?

Aqui tem três coisas que acho que poderia refletir. Eu, particularmente, tenho um grande interesse em estudar Bakhtin e Volochinov. Eu não coloco Bakhtin como o único autor de **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, por exemplo, que para mim é uma obra de referência no marxismo de feição Soviética. Toda vez que abro **Marxismo e Filosofia da Linguagem** eu consigo ler Bakhtin, Volochinov e Medvedev, eu leio três, encontro o pensamento dos três. Eu penso também que não vale a pena discutir Bakhtin sozinho, que vale a pena discutir o Círculo de Bakhtin como um todo, pensando que todos contribuíram, baseada na própria reflexão que eu tenho da experiência da tradição russa de que as pessoas não eram autores individuais das idéias, da própria produção do conhecimento - ela sempre foi coletiva entre o povo russo. Ela se fazia através daquilo que se chama hoje de círculos, eram grupos de estudos e essa era uma prática do cotidiano. Então, o que eu vejo? Eu vejo, por exemplo, uma questão. Vou falar do meu estranhamento para falar daquilo de que eu me aproximo: se eu for escutar o pessoal da pragmática, eu tenho certeza que eles não aproximam o conceito de dialética de dialogismo. Por quê? Porque eles pensam, por exemplo, que a contradição é uma questão que pode ser estudada, recoberta pelos conceitos de polifonia e dialogismo. Aliás, eu vejo até que a leitura que eles fazem da Filosofia da Práxis não permite a eles pensar que o conceito de dialogismo recobre o conceito de polifonia, uma vez que, para Bakhtin e Volochinov, não existe nenhum dizer que se sustente em si mesmo, que esteja na sua própria origem. Todo dizer tem uma função responsiva, para responder à voz do outro – isso é o que é dialogia em Bakhtin – ou para ratificar aquilo que o outro diz, ou para refutar, ou para responder mesmo, ou para dialogar, sempre, todo dizer tem uma função responsiva. Então, a partir de Bakhtin, pode-se

pensar que não existe nenhum discurso que seja monofônico, ou seja, todo dizer é constitutivamente uma resposta ao outro, mesmo que este outro já não esteja mais presente fisicamente do meu lado, seja um outro da história, seja um outro do qual eu me separo, seja um outro do qual eu sou antagônico. Esta é uma questão importante para pensar. Esta é uma relação entre dialogia e polifonia. Então, a partir do momento em que eu consigo perceber isso, o conceito de polifonia aparece como uma condição necessária para o funcionamento do discurso. Não há como pensar nenhum sentido sem me remeter à voz do outro. A polifonia passa, então, a ter um sentido de que, para entender o que aquele discurso significa, eu preciso entender quais são as vozes que estão trabalhando ali. Esta questão é importante. A outra questão é o conceito de dialética. Parece-me que, voltando para a leitura de Bakhtin, eu consigo entender que em Bakhtin e Volochinov existe uma leitura realmente rara de Marx sobre dialética. Por que rara? Porque, em Marx, os conceitos de materialismo histórico e materialismo dialético são muito presentes para explicar as relações de contradição da classe operária, do proletariado. Em primeiro lugar, o materialismo histórico, para tirar a questão da história de um viés positivista (que seria um viés da diacronia), para entender que aquilo que nós chamaríamos, como analistas do discurso, de fato discursivo não são efeitos de relações que se produzem no eixo da temporalidade, da sucessividade, mas que são efeitos das determinações que a história impõe aos sujeitos nas condições em que eles vivem. Não é à-toa que Marx sempre dizia que o homem faz a história nas condições em que a história lhe permite. O materialismo histórico está aí para mostrar exatamente o modo como se dão as relações entre uma prática social e outra, entre uma prática política e outra e entre as práticas discursivas. A segunda questão é a questão do materialismo dialético que para mim está atrelado ao materialismo histórico, mas que tem certa especificidade, que é a questão da contradição, ou seja, também eu acho que Marx como filósofo consegue tirar do positivismo a categoria da contradição. Como é que ele tira? Se tu olhares para a teoria saussureana, vais dizer que ele vai tirar, tentando mostrar que a contradição não é uma relação de oposição do tipo x, é o que y não é, tu não és gordo porque és magro; tu não és alto, tu és baixo. A questão da dialética passa na teoria de Bakhtin – agora eu vou responder - por dois conceitos básicos: a noção de valor, que tira a idéia do signo ideológico da condição de positivismo do signo lingüístico de Saussure. Porque,

em Saussure, x é o que y não é, o valor sempre é opositivo, então está aí a idéia de positivismo: associar a noção de valor à idéia de oposição. Isso são dois princípios do pensamento positivista. Quando Bakhtin diz que o valor do signo é dotado de heterogeneidade, ou seja, eu não posso atribuir nenhum valor para um significante, mas de que o signo é constitutivamente polissêmico, porque a ordem do real é heteróclita, incompleta e refratável, ele está trabalhando na perspectiva da dialética. Bakhtin e Volochinov vão trazer duas contribuições: a primeira é o modo como pensam a questão do valor para tirar a concepção de signo do positivismo, por exemplo, saussureano, e a segunda é o modo como eles pensam a categoria da contradição, a partir dessa relação de valor que é postulada, que é a condição do signo. Então, na mesma medida em que ele vai se apropriar de uma concepção de Marx, eu acho que Bakhtin tem um mérito, que Marx não teve, e que Pêcheux reconhece. Qual é o mérito? Ele tira a condição do ideológico do lugar de negatividade que está presente na ideologia alemã, em Marx, por exemplo, quando a ideologia é o reflexo invertido da ordem do real social. Quando Bakhtin diz que o signo é constitutivamente ideológico e, ao mesmo tempo, reflete e trata a ordem do real, ele está postulando duas questões importantes para a filosofia da práxis: tudo o que significa, significa dentro do universo ideológico, e a segunda questão é que não há nada que signifique fora de uma relação de contradição. Eu vejo que o próprio Pêcheux reconhece isto quando faz comentários em *Remontemo-nos de Foucault a Spinoza*.

A Análise de Discurso entende o funcionamento da ideologia, em sua imbricação com o discursivo, como um direcionamento do sentido determinado por dadas condições de produção históricas. Essa abordagem conferiu à AD um fôlego maior que outras abordagens e evitou que ela cedesse às filosofias do *fim das ideologias* nos últimos anos do século passado. Nos trabalhos em AD feitos no Brasil, desse o início do século XXI, naqueles que a senhora leu ou tomou conhecimento, os conceitos de formação ideológica e ideologia se fazem muito presentes? Ele ainda é determinante nas análises das problemáticas discursivas atuais?

Eu acho essa questão excelente. Por que eu acho essa questão excelente? Por uma razão: desde que eu comecei a estudar a

Análise do Discurso, na década de 80 até hoje e, portanto, lá se vão duas décadas praticamente, eu tenho visto que os estudos têm se re-significado. Eu acho positivo que as pessoas tenham pensado, tenham se detido mais para refletir sobre conceitos que elas acham que poderiam requerer um pouco mais de trabalho, de reflexão, de questionamentos, mas, ao mesmo tempo, eu tenho percebido que existem grupos de pessoas que estudam a Análise do Discurso, mas tentam apagar a relação entre Análise do Discurso e o materialismo histórico. Eu acredito que, para essas pessoas, conceitos como formação ideológica são totalmente inúteis. Por que eu digo isso? Pelo seguinte, se eu fosse dar um salto de Bakhtin para Pêcheux para pensar o que Pêcheux, como um filósofo da linguagem materialista, pensou sobre um marxismo (agora de feição ocidental, diferente de um marxismo de feição soviética), eu diria que o grande mérito inicial da teoria de Pêcheux foi ter olhado para aquilo que Althusser fez como um bom marxista-leninista que era, ou seja, pensar que a ideologia não nasce por geração espontânea. Bakhtin já tinha feito isso, ele calcou a materialidade da ideologia na base lingüística e no campo das práticas sociais do cotidiano, foi isso que ele fez. Pêcheux vai trazer uma questão importante na esteira de Althusser, quando ele diz que a ideologia não nasce por geração espontânea, ela tem uma base material que pode ser entendida enquanto a base do campo das práticas sociais no interior das formações ideológicas, ou seja, as instituições são as forças materiais que mostram o modo como a ideologia se produz enquanto prática, enquanto rito, enquanto ação política. E a base estrutural, que passa pela correlação entre base lingüística e processo discursivo, nos permite pensar a materialidade discursiva que corresponde à ideologia. Portanto, essa reflexão do Pêcheux, calcada na esteira do Althusser, nos permite observar que, para pensar o discurso do ponto de vista de uma leitura marxista, materialista histórica – eu diria mais materialista histórica do que marxista, porque já é uma leitura marxista-leninista – é importante pensar sempre a relação entre formação ideológica e formação discursiva. Por quê? Porque não existe discurso que não tenha origem, que não esteja calcado, que não trabalhe e que não esteja sujeito às práticas de uma ordem institucional, e este é o papel da formação ideológica. Então, tornar a formação discursiva independente da formação ideológica implica dar uma certa autonomia, entre aspas, para o discurso, o que acaba, na verdade,

descontextualizando esse discurso, abstraindo o próprio discurso da história. É quase como romper com o materialismo histórico.

Agora, questões de ordem atual. Em quais estudos ou trabalhos a senhora está envolvida atualmente?

Bom, eu tenho um envolvimento muito grande com algumas questões que eu gostaria de ter até me envolvido há mais tempo, mas as minhas condições não me permitiram. Primeiro, um olhar mais intenso para as leituras marxistas do leste europeu, tentando pensar que percurso é este que poderia me permitir outro olhar sobre as relações entre materialismo histórico e dialético, tomando como base pressupostos, por exemplo, do marxismo de feição soviética, o marxismo do leste europeu. Eu não preciso ficar só no marxismo de feição soviética, eu penso em Lukács, por exemplo, que eu acho um grande pensador, Georg Lukács, que pouca gente conhece e que tem muito para dar. E tentando pensar como o ocidente, por exemplo, consegue contemplar e completar essas relações, eu vou dar um exemplo na prática: para mim é muito claro que Gramsci, quando escreve sobre a prática política revolucionária, sobre o Mezzogiorno, o bloco histórico, ele está sempre refletindo em torno de Lênin. Então, é importante fazer esta reflexão: pensar em que medida o ocidente consegue, muitas vezes, trabalhar estas reflexões sobre o materialismo histórico e dialético, e em que medida a gente precisa buscar algumas reflexões ainda, para entender melhor no pensamento do leste europeu.

Há pesquisadores envolvidos, no trabalho que a senhora está fazendo, e que colaboram com estudos, traduções de autores russos?

Eu tenho alguns alunos que têm interesse e têm trabalhado comigo muito em colaboração. A professora Florence Carboni, que é da área da Sociolinguística - nós temos também uma afinidade de interesses -, ela tem colaborado muito comigo, nós temos traduzido os textos dos pensadores do leste europeu. Eles estão sendo traduzidos na Revista **Conexão Letras**. Eu acabei de traduzir mais um texto de um professor russo que eu trouxe para Porto Alegre em 2006 para dar um Curso Livre para os alunos. E nós temos também, na medida do possível, dialogado com esses professores e eu tenho recebido a colaboração no sentido de que eles me mandam textos para estudar, mas são muito poucos os alunos que conseguem

realmente já trabalhar com interesse nesses textos, porque eu acho que as questões marxistas, o pensamento marxista do leste europeu é muito pouco estudado no Brasil, é muito pouco estudado. Eu começo pelo Bakhtin que é pouco lido a partir das relações com Marx. Eu vivo dizendo que poucos conhecem Georg Lukács, que é uma teoria importantíssima, que eu considero fundamental para entender a conexão da consciência em Marx. Não há como pensar a questão da consciência do proletariado ignorando Lukács. Então, eu venho trabalhando e fazendo um esforço para que as forças se somem e eu espero que, num futuro, elas possam se somar de tal modo que os alunos, os colegas, possam ir também ampliando esses estudos, esses trabalhos, porque é uma forma de contribuir com a diversificação do campo de estudos da Análise do Discurso.

A senhora falou há pouco em Gramsci, eu tinha uma pergunta em torno disso. Em seus estudos recentes, a senhora também fala do papel de intelectual orgânico, como pensar essa função na atualidade? Essa função não está mais problemática como se propôs no debate acerca do silêncio dos intelectuais, o célebre debate com a Marilena Chaui?

Bom, eu não vou me basear na Marilena Chaui, porque eu acho que a Marilena Chaui falou de um contexto histórico dela, de uma experiência que ela viveu diretamente no campo da prática política e deve ter se decepcionado com muitas coisas. Ela mesma afirma isso numa entrevista que dá para a *Roda Viva* e, bom, eu respeito. Uma pessoa que tem uma história, como a Marilena Chaui, tem que ser respeitada sempre. Mas eu diria o seguinte, uma sociedade só vive, se torna melhor e é verdadeira, se ela pode ter no seu bojo, no seu seio, uma classe de intelectuais que eu chamo de intelectuais orgânicos, baseada na concepção de Gramsci. Intelectuais que sejam capazes de pensar aqui, neste contexto real, que a Academia é, fundamentalmente, um lugar de socialização de saberes e de produção de saberes, que a Academia é um lugar em que os intelectuais, para serem realmente orgânicos, têm que sair do castelo e conversar com as pessoas, conversar com o povo, conversar com os que são excluídos da universidade, conversar com aqueles que não têm acesso à universidade, ou seja, construir saberes baseados, de um lado, naquilo que a experiência dos saberes acumulados permite que eles tenham – e eu considero que os intelectuais são privilegiados nesse sentido –, mas, por outro

lado, contrapor esses saberes acumulados com o campo da prática, para que eles possam saber, exatamente, qual a validade desses conhecimentos: para quê eles realmente servem, em quê eles tornam a sociedade mais humana, digamos assim, mais solidária. No que a Academia pode contribuir para que o conhecimento adquira um outro estatuto? No sentido de permitir que as pessoas venham a se emancipar gradualmente, porque uma sociedade não se transforma somente na base econômica. Eu acho que o exemplo mais expressivo disso é o próprio exemplo de Lênin: a primeira coisa que ele faz é criar um projeto para tirar todos os camponeses e os operários do analfabetismo, colocar todos os intelectuais a serviço do proletariado, para que eles pudessem criar condições melhores de vida. Então, eu acho que, se os intelectuais têm um papel na sociedade, esse papel é oferecer condições para que não só os alunos desses docentes que estão atuando na Academia sejam mais autônomos, mais emancipados, tenham melhores condições de se mover em torno das relações de produção do conhecimento, mas também para que haja melhores condições de vida, de autonomia para a sociedade em geral. Oferecer coisas para a sociedade que ela não poderia ter, porque é justamente oferecendo essas coisas para a sociedade que a Academia cresce também.

Bom, para finalizar, só mais uma questão. Eu gostaria que a senhora falasse um pouco sobre os eventos acerca dos estudos da linguagem que marcaram a sua vida.

Eu acho que um evento é uma coisa importante, principalmente quando é uma síntese daquilo que a gente faz, que tu estudas, quando tu consegues fazer um evento que sintetiza as coisas que tu estudas. Eu não tenho como dar destaque para um ou outro evento, acho que tudo o que eu sei e o que eu sou é uma soma dos estudos que fiz e das oportunidades que tive de participar de muitos encontros de pesquisa, de reflexão. Eu lembro que eu comecei os meus estudos, como eu te disse, indo para a UNICAMP, assistindo aos trabalhos da Eni Orlandi, assistindo ao Eduardo Guimarães falar. Eu lembro também de ter um momento na minha vida que eu trazia muito o professor João Wanderley Geraldi. Eu fiz um trabalho comunitário muito tempo com os professores da rede pública, de assessoria, eu sempre pude contar com a colaboração da professora Magda Becker Soares, do professor João Wanderley Geraldi, que faziam os trabalhos em massa com os professores junto comigo. Eu acho que esses eventos me tornaram muito

melhor, porque me permitiam ver que o conhecimento que a universidade produzia podia ser socializado, que existiam intelectuais que socializavam. Outra situação que eu lembro que foi muito fortuita foi a presença do professor Courtine aqui no Brasil, que me permitiu também pensar sobre o percurso dos velhos marxistas que estudaram Análise do Discurso. Também, a presença do professor Patrick Sériot aqui na UFRGS, que se dispôs a vir conversar com os alunos; a presença de outros colegas como o professor Tchougounnikov, que veio de Estocolmo para cá conversar com os alunos da UFRGS. Então, eu sou muito grata a todos estes que não só vieram trazer um conhecimento teórico, mas que se propuseram a socializar conosco tudo aquilo que eles vêm adquirindo com os alunos dessa universidade. E eu acho que, quando um evento atinge este ponto, ele atinge um coletivo, atinge a todos, e, nessas circunstâncias, é que a gente cresce.

SOBRE A ENTREVISTADA

Ana Zandwais é professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde atua como docente tanto na Graduação (licenciatura e bacharelado) quanto no Programa de Pós-Graduação em Letras (mestrado e doutorado). Seu trabalho acadêmico tem como foco a análise de discursos políticos e/ou educativos, dentre os quais se destacam os do movimento operário e sindical entre a Primeira República e a Era Vargas, e os discursos e saberes relativos à identidade nacional(ista) e ao ensino-aprendizagem de língua portuguesa durante o Estado Novo. A base teórica de suas investigações é alicerçada por uma contundente articulação do materialismo dialético com questões específicas à Filosofia da Linguagem e à produção de sentido em dadas formações sociais na história. Atualmente, Zandwais tem estabelecido diálogos com inúmeros lingüistas de tradição soviética. Essa interlocução, coerente com sua perspectiva política e teórica, tem trazido contribuições importantes para a Lingüística, como traduções de autores ainda inéditos no Brasil. Dentre suas publicações, salientamos:

Livros publicados/organizados:

ZANDWAIS, Ana (Org.) **Mikhail Bakhtin: Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos**. 1. ed. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2005.

ZANDWAIS, Ana. (Org.) **Relações entre Pragmática e Enunciação**. 1. ed. Porto Alegre: Sagra/Luzzatto, 2002.

ZANDWAIS, Ana. **Estratégias de Leitura**. 1. ed. Porto Alegre: SAGRA, 1990.

Capítulos de livros publicados:

CARBONI, Florence; ZANDWAIS, Ana. *Les stéréotypes bakhtiniens du fripon, du bouffon et du sot, représentés à partir de la réalité brésilienne*. In: VELMEZOVA, Ekaterina; SCWARZ, Alexander.

(Orgs.). **Fripon, Bouffon, Sot. Pour une Relecture de Mikhail Bakhtine.** 1. ed. Lausanne: Centre de Traduction Littéraire - Université de Lausanne, 2008.

ZANDWAIS, Ana. *O Funcionamento da Sinonímia: As Impossíveis Fronteiras entre Estrutura e Exterioridade.* In: ERNST, Aracy, FUNCK, Susana B. (Orgs.). **Escrita e Oralidade: Questões e Perspectivas.** 1. ed. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2007.

ZANDWAIS, Ana. *Saberes sobre Identidade Nacional: O processo de Construção de um Imaginário de Cidadania durante o Governo Vargas.* In: FERREIRA, Maria Cristina L.; INDURSKY, Freda. (Orgs.). **Análise do Discurso no Brasil: Mapeando Conceitos, Confrontando Limites.** 1. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

ZANDWAIS, Ana. *Dispositivo de Luta Política da Classe Operária Brasileira na Primeira República: Processos de Interpelação do Sujeito Operário através da Imprensa Paralela.* In: SCHONS, Carme Regina; ROSING, Tania. (Orgs.). **Questões de escrita.** 1. ed. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2005.

ZANDWAIS, Ana. *A Forma-Sujeito do Discurso e suas Modalidades de Subjetivação: Um Contraponto entre Saberes e Práticas.* In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina L. (Orgs.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: Uma Relação de nunca Acabar.** 1. ed. São Paulo: Claraluz, 2005.

ZANDWAIS, Ana. *As Condições de Produção da Sinonímia: Um Olhar para as Forças Ativas que Permeiam a Linguagem.* In: TOLDO, Claudia Stumpf (Org.). **Questões de Linguística.** 1. ed. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2003.

ZANDWAIS, Ana. *A Confederação Operária na Primeira República: Condições de Formação de uma Formação Discursiva Sindical.* In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo Campos. **Ensaio: Discurso, Memória, Identidade.** 1. ed. Porto Alegre: Sagra/Luzzato, 2000.